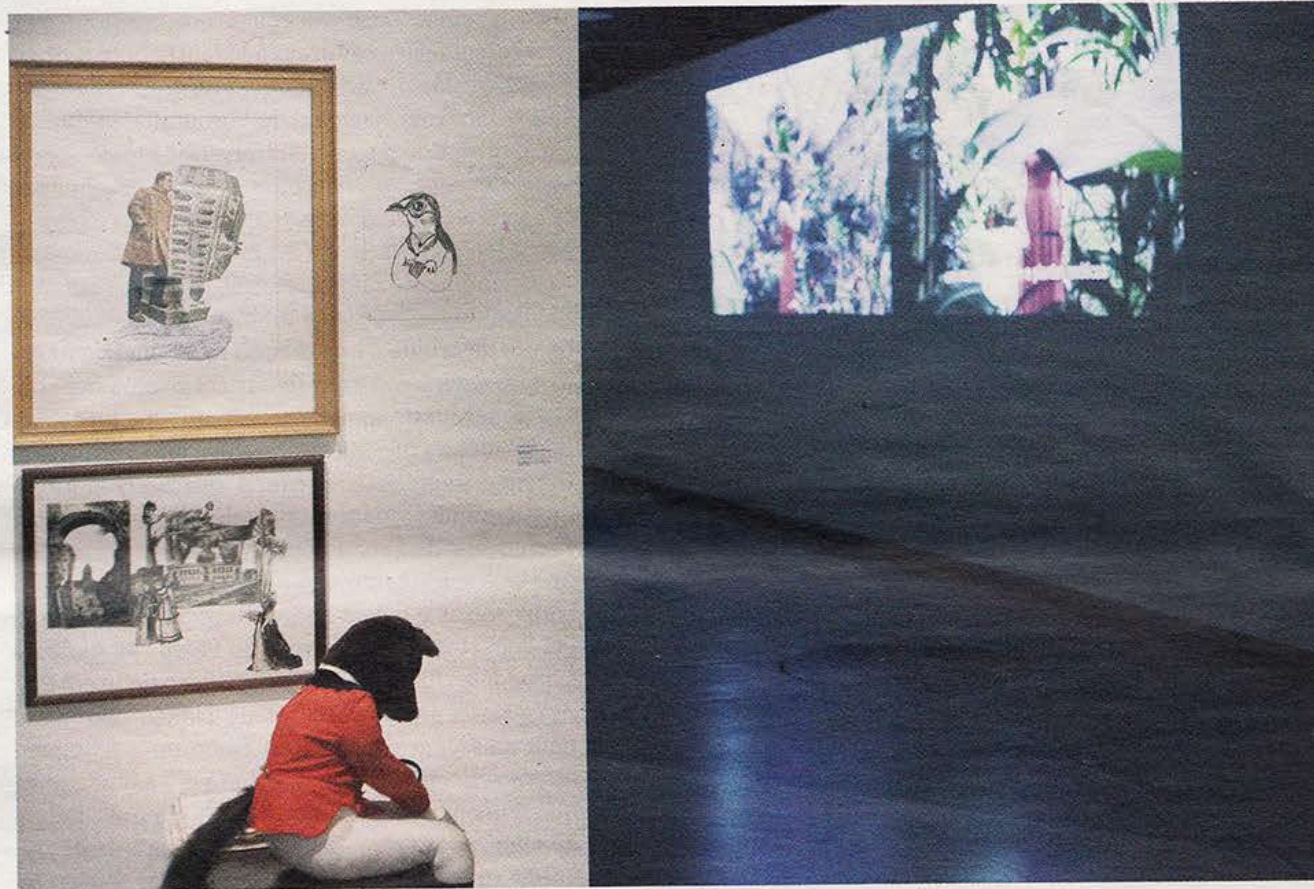


Colagem e colisão

Uma colaboração artística em torno das danças e contradanças dos géneros recupera a colagem como modo de associação de imagens

Texto Celso Martins



Um dos aspetos mais interessantes da produção artística de Maria Lusitano (1971) ao longo de pelo menos os últimos dez anos prende-se com o facto de, na maioria dos casos, não termos um nome que defina exatamente aquilo que ela nos apresenta. Nada disso tem a ver com a sacramental pergunta “isto é arte?” ou qualquer dúvida relacionada com o tipo de dispositivo que utiliza — normalmente o vídeo. Com Lusitano, temos um problema de género. As suas construções são demasiado ficcionais para se encaixarem simplesmente no campo do documentário e ao mesmo tempo demasiado informativas para terem aquela condição *arty* que descansa os observadores rotinados com as expectativas típicas da arte contemporânea.

“Estranhos Jardins de Papel”, uma colaboração com Paula Roush, artista portuguesa há muito sediada em Londres, não é exceção.

Na verdade, trata-se de uma intrincada instalação que combina e encaixa inúmeros ingredientes (desenho, colagem, fotografia, mobiliário, objetos, vídeo, etc.), mas, com efeito, o que a torna complexa não é tanto a profusão de materiais utilizados mas a lógica que a ela preside.

No centro desta tensão encontramos duas obras: “Une semaine de Bon-té”, um livro em sete capítulos editado pelo surrealista Max Ernst em 1934, e “Dons des féminines”, composto em 1951 pela poetisa surrealista Valentine Boué Penrose como resposta, através dos mesmos meios da colagem, ao livro de Ernst. Mas se Ernst associava um conjunto de imagens onde o ele-

mento feminino era consecutivamente sujeito a violentas sevícias por homens ou seres monstruosos mas claramente masculinos, a resposta implícita de Penrose gera um padrão do feminino colocado fora do espaço doméstico, aberto à viagem e ao desconhecido, que é, pelo contrário, uma imagem de poder e emancipação.

Sem nunca se deixar enredar na facilidade de uma retórica evidentemente feminista, “Estranhos Jardins de Papel” organiza-se em torno desta tensão que contamina cada um dos sete paços da instalação (uma alusão aos sete dias da semana de Ernst). O que daí resulta é não apenas uma revisitação do dispositivo criativo da colagem que associamos ao dadaísmo e ao surrealismo como uma experiência dada e historicamente situada, como uma reflexão sobre a sobrevivência desse mesmo mecanismo criativo na contemporaneidade.

Desde logo, é preciso dizer que a instalação ela própria funciona como uma enorme colagem, se pensarmos que associa diferentes núcleos que nessa associação não perdem nunca a integridade. Depois porque, como em qualquer colagem, o processo de engendramento aqui tende a fazer convergir referências que parecem saídas de mundos estanques mas que são capazes de se encontrar e gerar sentido. Veja-se o desenho de grandes dimensões no qual cenas homoeróticas femininas entroncam em imagens arquitetónicas ou de moda de tempos históricos diferentes ou as colagens que utilizam revistas ilustradas do século XIX manipuladas de uma maneira que lhes confere um sentido cultural e comportamental outro que o da sua época. Ou, numa posição central a isto tudo, o filme que leva o título da exposição, que é simultaneamente um documentário sobre Valentine Penrose e o seu mundo e uma arrojada corrente de signos culturais contaminados pela questão do género que recuam à época vitoriana ou viajam até à “Branca de Neve”, de Disney, ou ao filme de culto “The Hunger”, de Tony Scott.

Se, como o próprio Max Ernst uma vez sugeriu, não é a cola que define a colagem, então o que dela hoje sobrevive é uma certa ideia de pensamento visual em rede, onde as imagens se associam em infinitas combinações. Maria Lusitano e Paula Roush usam esse mecanismo para iluminar fantasmas, encontrar afinidades ou detetar colisões entre as coisas. **A**

Vista da exposição “Estranhos Jardins de Papel”, de Maria Lusitano e Paula Roush, no Museu da Eletricidade

★★★★

ESTRANHOS JARDINS DE PAPEL

Maria Lusitano e Paula Roush
Museu da Eletricidade, Lisboa,
até 8 de setembro
Tel. 210 028 130
www.fundacaoedp.pt